

ISSN 1415-4498

*M*ANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA *13*


ANNA BLUME

ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES DO
manuscrito
L I T E R Á R I O

mANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA

SÃO PAULO – JANEIRO de 2005

<http://utopia.com.br/apml>

<http://www.fflch.usp/dlm/napcg>

Conselho Editorial

ALMUTH GRÉSILLON

AMÁLIO PINHEIRO

JULIO CASTAÑON

RAUL ANTELO

ROBERTO BRANDÃO

WILLI BOLLE

YEDDA DIAS LIMA

Editoria Científica

CECILIA ALMEIDA SALLES

PHILIPPE WILLEMART

SÔNIA M. VAN DIJCK LIMA

TELÊ ANCONA LOPEZ

Diretoria Editorial

CECILIA ALMEIDA SALLES

Projeto Gráfico e Capa

LUCIANO GUIMARÃES E DENISE PAIERO

Ilustração de capa

PARTITURA DE VITOR KISIL

Paginação

RAI LOPES

Editor Responsável

JOSÉ ROBERTO BARRETO (Mtb 21 287)

Revisão Especializada

MARLENE GOMES MENDES

Vendas

Annablume Editora e Comunicação Ltda.

Rua Padre Carvalho, 275 – Pinheiros

05427-100 – São Paulo – SP

Fone/Fax: (011) 3812-6764

<http://www.annablume.com.br>

SUMÁRIO

EDITORIAL7
CECILIA ALMEIDA SALLES

DEPOIMENTO DO ESCRITOR ANTÔNIO CALLADO9

ARTIGOS

DA CRÍTICA DO PROCESSO À CRÍTICA AO PROCESSO 43
CLÁUDIA AMIGO PINO

A VISÃO EXISTENCIALISTA DA CRIAÇÃO LITERÁRIA POR
JEAN-PAUL SARTRE 73
KLEBER PEREIRA DOS SANTOS

POR UMA EPOPÉIA DO PROVISÓRIO: O LUGAR DOS CADERNOS
NA RELAÇÃO ENTRE PAUL VALÉRY E A HISTÓRIA 95
ROBERTO ZULAR

UMA TEORIA EM CONSTRUÇÃO: FREUD E A CRIAÇÃO
ARTÍSTICA 105
SYLVIA RIBEIRO FERNANDES

A “LENDA DA FARINHA”: RELATOS ORAIS DE UMA MESMA
TRAMA TECENDO UM GRANDE TEXTO DA CULTURA EM
PROCESSO 135
MARCIO HONORIO DE GODOY

A CONSTRUÇÃO DO CORPO GROTESCO NOS MARIONETES DE ÁLVARO APOCALIPSE	161
CRISTIANE MIRYAM DRUMOND DE BRITO	
DESVENDANDO UM LABIRINTO: AS "TRADUÇÕES" DE RINA SARA VIRGILITO	181
SERGIO ROMANELLI	
MANUSCRITOS: FONTE DE PESQUISA PARA A TRADUÇÃO E A CRÍTICA LITERÁRIA	195
CRISTIANE GRANDO	
<i>POEM E NORTH HAVEN: A TRAJETÓRIA INTERSEMIÓTICA DE UMA POESIA/PINTURA NO PROJETO ARTÍSTICO DE ELIZABETH BISHOP</i>	207
ATHINÁ ARCADINOS LEITE	
THE NORTH OF BRAZIL IN BISHOP'S WORK	223
SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO JAQUELINE DA SILVA BARBOSA	
A PRESENÇA DO EXPRESSIONISMO EM <i>PAULICÉIA DESVAIRADA</i>	253
ROSÂNGELA ASCHE DE PAULA	
OTTO LARA RESENDE E SEU ROMANCE INACABADO	269
FLÁVIA DE OLIVEIRA NUNES	
ESTA DISCÓRDIA LATENTE QUE REINA NO CORAÇÃO DE CADA POEMA: A CONTRADIÇÃO, PRINCÍPIO CRIADOR NOS MANUSCRITOS DE SAINT-JOHN PERSE	293
ESA CHRISTINE HARTMANN	

OTTO LARA RESENDE E SEU ROMANCE INACABADO

FLÁVIA DE OLIVEIRA NUNES
EQUIPE OTTO LARA RESENDE
INSTITUTO MOREIRA SALLES

"[...] escrever é prolongar o tempo, é dividi-lo em partículas de segundos, dando a cada uma delas uma vida insubstituível".

Clarice Lispector, *Legião estrangeira*.

RESUMO

O presente artigo restringe-se à história do trajeto da criação de O braço direito, de Otto Lara Resende, como um romance inacabado. Focaliza o processo de trabalho do escritor vinculado a notas, planos e versões, iniciado em março de 1957, a insatisfação de Otto com as edições e a colaboração da romancista Ana Miranda que se responsabilizou pela edição póstuma, pela Companhia das Letras, em 1993.

RESUMÉ

L'article se restreint à l'histoire du trajet de la création de O braço direito de Otto Lara Resende comme un roman non conclu.

Il focalise le processus de travail de l'auteur commencé en mars 1957 sur les notes, sur les brouillons, sur les plans et sur les versions, son insatisfaction avec les éditions et l'aide de la romancière Ana Miranda, responsable de l'édition posthume, publiée par la Companhia das Letras en 1993.

ABSTRACT

The present article narrates the history of the creation of O braço direito, written by Otto Lara Resende, as an unfinished novel. It focuses the work's process of the writer linked to the notes, plans and versions, initiated in March of 1957, the dissatisfaction of Otto with the editions and the contribution of the novelist Ana Miranda who is responsible for the posthumous edition, published by Companhia das Letras, in 1993.

VERBETE

Um rápido verbete OTTO LARA RESENDE poderia ser: escritor sofisticado do Brasil do século XX; nasceu em São João del-Rei num 1º de maio de 1922 e faleceu no Rio de Janeiro em 28 de dezembro de 1992; professor, advogado, jornalista de grande lastro, colaborador em nossas embaixadas de Bruxelas e Lisboa. Membro do lendário grupo de intelectuais mineiros, Quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse, ao lado de Fernando Sabino, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos. Instalado no Rio em 1946, quando a cidade ainda era a capital da República, foi, no mesmo ano, um dos fundadores da *Edifício*, revista que buscou definir caminhos, no após-guerra, do catolicismo ao “*extremismo de esquerda*”, conjugando o “*ideal de uma ordem mais justa*”. (*Edifício*, p. 3-4) Excluídas as permanências na Europa, Otto Lara viveu no Rio de Janeiro a maior parte de sua vida.

Na pequena, mas densa obra de ficção que publicou - *O lado humano, Boca do Inferno, O retrato na gaveta, As pompas*

do mundo, *O elo partido e outras histórias*, assim como em seu único romance *O braço direito*, – imprime-se um projeto sólido, que tanto soube explorar as marcas do catolicismo na psicologia das personagens, como problemas do universo infanto-juvenil ou a misantropia e o tema da morte.¹ “Mas no fundo o único assunto é mesmo a morte. O resto é paisagem” (SANTOS 2002, 104), afirma Otto Lara para Edla van Steen em 1981.²

Escritor dotado de alta consciência estrutural e estilística, só publicava seus livros depois de muitas redações. No caso de reedições, refundiu muitos textos.

NAS TRILHAS DA CRIAÇÃO

Na qualidade de pesquisadora da equipe que organiza, sob a coordenação da Profa. Tatiana Longo dos Santos, no Instituto Moreira Salles, em São Paulo, o Acervo Otto Lara Resende, tive o privilégio de participar da recomposição do dossiê da criação de *O braço direito*, no conjunto documental que reúne os manuscritos do escritor. Pude, então, examinar e ordenar os documentos de processo, entrando em contato com as notas de trabalho, esboços, assim como várias versões, em autógrafos, datiloscritos e textos impressos aos quais o romancista sobrepôs anotações. E, para melhor compreensão de um longo trajeto, busquei em entrevistas, depoimentos e na correspondência passiva de Otto, informações sobre propósitos, datas e locais de redação. O presente artigo restringe-se à história do trajeto da criação de *O braço direito* como um romance inacabado de Otto Lara Resende. Envolve uma parte da introdução escrita

-
1. Os críticos Alfredo Bosi, em *O conto brasileiro contemporâneo* e Vânia Maria Resende, em *O menino na literatura brasileira* abordam o universo infantil, bem como José Luiz Miranda em *Infernos da Iniciação: uma aproximação dos contos de Michel Tournier e de Otto Lara Resende*. A misantropia foi objeto da análise de Malcolm Silverman em “O mundo misantrópico de Otto Lara Resende”. Cf. referências bibliográficas.
 2. Versão em datiloscrito de Otto Lara Resende, com as respostas dele à entrevista transcrita por Tatiana Longo dos Santos em *Três Ottos por Otto Lara Resende*. A versão publicada por Edla van Steen em *Viver & escrever* apresenta diferenças.

para a dissertação de mestrado que apresentei em maio deste ano de 2004, *Notas... notas à mão cheia...* Edição diplomática de 68 notas prévias vinculadas a *O braço direito*³.

Após identificação, na enorme quantidade de notas preparatórias dispersas no arquivo pessoal, as notas que reputamos documentos do trajeto da criação de *O braço direito*, foram por nós associadas ao referido dossiê da criação do romance, hoje recomposto e incluído na subsérie Manuscritos Otto Lara Resende, série Manuscritos. Ana Miranda, colaboradora de Otto nas redações que precederam a edição póstuma, em entrevista de 2003 lembra que, originalmente, o romance se apoiou em um número incalculável de pequenas folhas e papezinhos de todo tipo. Todavia, no fundo, ao que concluímos, dessas anotações restaram apenas 132, pois as demais notas existentes prendem-se a outros projetos do escritor.

Após identificar, na profusão de notas preparatórias dispersas nesse arquivo pessoal, as 132 que reputamos documentos do processo criativo de *O braço direito*, associamos ao referido dossiê, hoje recomposto, à subsérie Manuscritos Otto Lara Resende, série Manuscritos. Do número incontável de pequenas folhas e papezinhos de todo tipo lembrado por Ana Miranda, colaboradora de Otto nas redações que precederam a edição póstuma, restaram no arquivo apenas essas 132. As demais notas ali existentes prendem-se a outros projetos do escritor.

Os documentos no dossiê de *O braço direito* mostram um trabalhador que respeitava plenamente suas tarefas. Na entrevista concedida em 1981 a Edla van Steen, mencionada anteriormente, Otto comenta seus procedimentos de escritor, assinalando seu apreço pela datilografia:

3. Dissertação de mestrado no Programa de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, orientada pela Profa. Dra. Telê Ancona Lopez.

Faço anotações à máquina também, usando palavras meio cifradas, abreviaturas e um pouco de línguas estrangeiras. Mas anoto também à mão. Prefiro datilografar os meus originais. Até há alguns anos, eu era muito exigente como datilógrafo. Mesmo no jornal os meus originais não tinham um só erro. E não usava borracha. Se errasse, começava a lauda de novo. Hoje, acho que sofro cada vez mais para escrever. Para escrever o que leva a minha assinatura, seja o que for, o que é da minha direta responsabilidade. Risco e corto muito. Releio até a exaustão. Modifico até o último instante. Frequentemente escrevo um texto e acordo à noite com duas ou três correções a fazer, que me foram ditadas no sono. Até artigo de jornal me custa um esforço imenso. Evito modificar depois que entrego o original, mas ainda assim não consigo sempre evitar o desejo de corrigir. Atualmente não guardo cópia comigo, para não ter o desejo de reler e daí modificar. (Steen 1982, 118).

Mas, além da questão da materialidade, os documentos de processo e a história da criação de muitas das obras de Otto Lara Resende, principalmente no caso de *O braço direito*, guardam, de forma indelével, um *écrivain de tête*, incansável, sem limites de tempo ou de espaço, lidando com elementos de textos em desenvolvimento ou de novas propostas – temas e motivos, tramas, registros de dados da realidade para futura transposição –, atento, o tempo todo, aos próprios *insights*. Isso faz com que os documentos ligados à criação de *O braço direito*, ao mesmo tempo que apontam datas-limite, consigam nos dizer que as mesmas podem, eventualmente, ser mais elásticas, quando se pensa em temas e assuntos que se interpenetram e títulos que se misturam.

Com Gottfried Benn e Almuth Grésillon, entendemos a criação como uma seqüência complexa do ato de fabricar, passível de ser surpreendida *in statu nascendi* no manuscrito e interpretada a partir de hipóteses que se prendem ao próprio manuscrito. Mas, acreditamos também que essas hipóteses podem contar

com o auxílio de documentos acessórios ao ato de escrever, capazes de constituir, de modo fragmentário, o relato de um trabalho, avanços e paradas temporárias. Tais documentos pertencem à literatura testemunhal - cartas, depoimentos, entrevistas, etc. dos escritores e de seus contemporâneos - e podem se estender até contratos ou notas de compra. Além disso, nas bibliotecas dos escritores há que desvendar os diálogos da criação os quais, conforme Telê Ancona Lopez, apontam, nas leituras, matrizes e, na marginália, notas prévias de obras, fora do conjunto dos fólhos nos manuscritos.⁴

Na malha do arquivo de Otto Lara Resende, o dossiê da criação de *O braço direito* comunica-se com as séries Documentação pessoal, Correspondência, Matéria extraída de publicações, onde são conservados os recortes de jornais e revistas contendo a crítica sobre o escritor e sua produção jornalística. Defronta-se ainda com a série Manuscritos, isto é, com textos de Otto e de outros escritores seus amigos. O arquivo exhibe a coexistência das sucessivas escrituras do romance, verdadeiro projeto de vida, coincidindo com o ganha-pão do jornalista em *O Diário*, *O Jornal*, *O Estado de Minas*, *O Globo*, no *Diário de Notícias*, no *Correio da Manhã*, na revista *Manchete*, no *Jornal do Brasil* e na *Folha de S. Paulo*, arrolados apenas aqueles periódicos em que apareceram com regularidade o articulista e o cronista no correr dos anos até a morte dele, em 1992. Paralelamente, o processo criativo de *O braço direito* avança até os volumes que compõem a biblioteca do romancista, onde obras apontadas em certas notas prévias e exemplares com anotações de leitura nos conduzem a um diálogo interdisciplinar, alimentando o trabalho no romance.

Pensar *O braço direito* como uma obra inacabada ou um trabalho sem fim significa perceber a dedicação do escritor que escreve e reescreve, que armazena elementos, tratando o tempo

4. Confirma o texto da Profa. Dra. Telê Ancona Lopez. "A biblioteca de Mário de Andrade, seara e celeiro da criação".

de acordo com as necessidades de sua criação. Mas, significa também captar, nesse empenho, a ação da renúncia, sublinhada por Daniel Ferrer:

Os documentos da gênese nos permitem verificar muito concretamente o que a psicanálise afirma: a criação não é unicamente, e talvez nem mesmo principalmente, um processo de acumulação, mas também um processo de renúncia. Renunciar aos pressupostos: apagar, rasurar, cortar, abandonar um estágio para passar ao seguinte. A gênese da obra de arte é resultado de uma série de sacrifícios custosos, de compromisso, de reequilíbrio e de transações compensatórias⁵. (Ferrer 2002, p.217)

Em suma, em *O braço direito*, romance que Otto Lara Resende não logrou concluir e cuja segunda edição se deve à colaboração da escritora Ana Miranda, no incessante desejo do *scriptor* de refinar o texto, de banir incongruências e apurar a verossimilhança, convalida a mobilidade, a latência e a intertextualidade do processo criativo.

UM ROMANCE INACABADO

Em 1963, *O braço direito* marcava, pois, a estréia de Otto Lara Resende como romancista, autor, aliás, de um único e grande romance. Saudado com entusiasmo pela crítica de Homero Senna, Assis Brasil, Carlos Heitor Cony⁶ e muitos outros, o livro recebeu, no ano seguinte, o cobiçado Prêmio Lima Barreto, da Livraria São José.

5. Citação extraída da palestra: “A crítica genética do séc. XXI será transdisciplinar, transartística e transemiótica ou não existirá”.

6. Homero Senna observa em “Folclore de *O braço direito*”: “Não só de sentenças morais é feito, porém, *O braço direito*. Há ali também, difusa, muita sabedoria popular, que o escritor naturalmente recolheu na São João del-Rei da sua meninice”. Assis Brasil assim considera em “*O braço direito* ou OLR (2)”: “O plano do romance

Otto Lara Resende estreava relutante, pois a publicação lhe havia sido praticamente imposta por seus amigos Walter Acosta, Rubem Braga e Fernando Sabino, proprietários da Editora do Autor. Concordou que o livro saísse, mas, voltou à criação quase que imediatamente, sem abandoná-la no correr da vida, morrendo sem concluir o trabalho. Luís Edgar de Andrade, em depoimento para o *Observatório da imprensa*, na TV Cultura de São Paulo, que em 29 de abril de 2002 homenageou o escritor, fez questão de lembrar que Otto, ainda em 1963, três meses após a publicação do romance, passou a reescrevê-lo.⁷ Obsessivo, procurou, de algum modo, reparar a pressa que atribuía a um romance publicado aos 41 anos, pelo que se conclui desta declaração sua, de 1989, com a qual define o próprio empenho e as sucessivas reescrituras a que se obrigou, em *O braço direito*: “*Devia ser proibido escrever romance antes dos 50 anos. Obra de maturidade, como sempre se diz. Não jorra. Exige pesquisa, técnica, perfuração. Beneficiamento, toneladas de cascalho, de refugio, postas de lado*”. (SANTOS 2002, p.151)

Pode-se imaginar que uma crítica como a de Temístocles Linhares, em 1964, tenha calado no espírito do romancista ao levantar a questão de coerência na construção do protagonista/narrador de 1963: “*Homem inculto, sem leituras, como pode ele escrever um diário tão intelectualizado e que não chega, na verdade, a traduzir as suas experiências pessoais? Não o considero assim nenhum personagem vivo...*”.⁸ Era preciso dar ao Inspetor estudos que o justificassem como diarista, o que ocorrerá apenas na edição de 1993, póstuma, a qual, em certos trechos, alude à passagem do Inspetor pelo tão conhecido seminário de Mariana.

é equilibrado e desenvolve-se dentro das características ortodoxas do diário íntimo”. E Carlos Heitor Cony conclui em “Da arte de falar mal, Livros II”: “O romance de Otto tem, desde já, a importância e a perenidade de um *Ateneu* às avessas”. (V. série Matéria extraída de publicações. Arquivo Otto Lara Resende, IMS).

7. Depoimento no programa de Alberto Dines gravado em vídeo. Luís Edgar afirma ainda que, ao ler a edição póstuma, parecia-lhe que o romance era o mesmo, “mas escrito de modo diferente”.
8. LINHARES, Temístocles. “Dois romances”. Recorte sem designação de periódico e local, 1964, na série Matéria extraída de publicações do Arquivo Otto Lara Resende.

O ficcionista consagrado dos contos de *O lado humano* (1952), *Boca do Inferno* (1957) e *O retrato na gaveta* (1962) começara, precisamente em 19 de março de 1957, conforme depoimento seu, a planejar e redigir esse romance, o qual primeiramente intitulou *Os asilados*, para, em 1959, chamá-lo *O grande órfão*⁹ e firmar, em seguida, durante um bom espaço de tempo, a escolha *O Inspetor*, até se decidir por *O braço direito*, título na capa da primeira edição, em 1963, nas reimpressões desta em 1971 e 1991, assim como naquela da segunda edição, póstuma, em 1993.

Salta aos olhos de quem examinar o plano da novela *O carneirinho azul*, documento vinculado ao dossiê da criação de *O braço direito*, que a idéia inicial foi uma narrativa que teria como assunto as *Meninas do asilo*. A importância desse plano é a coexistência de elementos excluídos por meio de rabisco, já utilizados na novela que saiu em 1962, em *O retrato na gaveta*, com elementos dispensados, em sua autonomia, mas aludidos em *O braço direito*. Representam a parcela referente a um asilo de órfãs e a outros aspectos que frutificarão no romance de 1963. O fólio onde se acha o plano de *O carneirinho azul*, ao exibir as rasuras que demarcam a transferência ali não explicitada, por força de dois elementos essenciais da criação literária, que são a mobilidade e a latência¹⁰, permaneceu no arquivo do escritor para emergir, ou melhor, para ser por ele resgatado depois de 19 de março de 1957, data em que, no Rio de Janeiro eclode o romance, de acordo com o registro do autor:

São 9 horas da noite. Acabo de jantar. De repente, vem-me, inteiramente de graça, a idéia de um romance que vou escrever, tenho absoluta certeza de que vou escrever.

9. O título aparece na entrevista dada para a *Tribuna da Imprensa* em 1959: "Otto Lara Resende quinze respostas".

10. Aula de Telê Ancona Lopez no IEB em 15 maio 2003, sobre o conceito de criação.

Inspiração autêntica, encontro de uma realidade que já estava dentro de mim e que agora, de súbito, se descolou, inteirinha, desabando para o mundo do meu consciente todo um assunto, toda a estrutura de um livro. Vem-me até a sugestão do título: *Os asilados*. (Depoimento/ esboço da trama - Notas preparatórias).

Tendo se mudado para Bruxelas em abril desse mesmo ano, Otto foi trabalhar na embaixada do Brasil. Lá, provavelmente em 1958, retomou o plano de *O carneirinho azul* e, nas linhas ali não anuladas – *Viuva/ meninas do asilo* - bem como na linha rabiscada “~~10) Asilo~~” -, descobriu, por certo, subsídios para o romance nascente, *Os asilados*. A viúva se tornou sá Jesusa, as meninas transformaram-se nos meninos órfãos e o Asilo sem nome, no Asilo da Misericórdia. Igualmente, o apelativo Laurindo que, no planejamento se destinava a um papagaio, de acordo com depoimento acima resgatado, serviu primeiro para “o oligofrênico que vive entre bichos” (V. nota 3), até se fixar no protagonista. Este, outras personagens, o espaço e economia da narrativa foram se definindo melhor com o passar do tempo, como se percebe nas notas e versões.

Na entrevista a Edla van Steen, em maio de 1981, a história do início da escritura/ primeira versão do romance se desenha, embora sem firmar uma data:

Depois de vários anos ausente, fui uma vez a São João del Rei e lá me encontrei com um colega de ginásio. Conversamos sobre coisas do passado e de repente me interessei por um crime que houve na cidade, quando éramos meninos. Fomos até o Fórum ver os autos. Fiquei sabendo de uns pormenores que até então desconhecia. Voltei para o Rio, esqueci o crime e o mais. Uma noite, acordei com um empurrão para a mesa do escritório. Veio-me a compulsão de anotar a idéia para uma história, precisamente um romance. Me lembro que aquele primeiro impulso caiu dentro de mim como uma barreira que desaba. Senti que ia escrever. A vida continuou.

Em Bruxelas, no fim de semana, sozinho, entregue às baratas, encontrei a anotação que mantinha um vínculo com o tal crime em Minas. Comecei a escrever sofregamente. Não parei praticamente durante seis dias. Quase morri de cansaço, fiquei até doente. A história saiu completamente diferente do que eu planejara. Escrevi um romance que tinha uma parte na terceira pessoa. Mostrei o original a Lucy Teixeira¹¹, que vivia também em Bruxelas. E mandei-o ao João Cabral de Melo Neto. Ambos me fizeram observações preciosas. Os originais foram parar em Lisboa, se não me engano com o Alexandre O'Neill, para serem publicados quando consegui interceptá-los e recomecei a escrever. Mudei quase tudo. O crime praticamente desapareceu. Surgiu o orfanato. (SANTOS 2002, p.104).

Dois projetos se entrelaçavam, portanto. Aquele de *O carneirinho azul*, explícito por força das personagens referidas, e projeto de *Os asilados*, escondido nas anotações acima focalizadas. Este se enriqueceu com a nota "~~Inst. P. Machado~~" [Instituto Padre Machado], matéria de memória: o colégio fundado e dirigido por Antônio de Lara Resende, pai do escritor mineiro que, ainda estudante, aos 14 anos, ali deu aulas de repetição a colegas com dificuldade de aprendizado. Internato, semi-internato e externato masculino, o Instituto Padre Machado recebia também alunos do Asilo São Francisco de Assis, citado aliás em uma das notas prévias de *O braço direito*. Além disso, o texto de *Os asilados* incorporou elementos de outras notas grafadas no mesmo planejar de *O carneirinho azul*, notas moldando determinadas ações do protagonista, depois fixadas nas versões d' *O braço direito* que vão ao prelo, como a ação de matar um gato e a porca que devora os filhotes. Abriu-se também para a narrativa publicada em 1962, compartilhando com ela a

11. Escritora maranhense.

imaginária Lagedo que ultrapassa o espaço mineiro, “*pequena cidade miniatura do mundo*”, no dizer de Antonio Candido. (Candido 1993)¹²

Retornando à declaração de Otto Lara a Edla van Steen, percebemos que, no fim do ano de 1958 ou no princípio de 1959, saíram da máquina de escrever do romancista pelo menos três cópias de uma possível primeira versão do romance que passara a se chamar *O Inspetor*. Destinaram-se aos amigos Lucy Teixeira, escritora compatriota também morando em Bruxelas, a João Cabral de Melo Neto e ao crítico Alexandre Eulálio que viviam, respectivamente, em Marselha e em Lisboa. O poeta de *Pedra do sono*, ligado também ao serviço diplomático do Brasil, e Eulálio escreveram cartas analisando com cuidado o texto recebido. Em 1959, um diálogo fecundo envolveu a criação de *O Inspetor*. Mesmo na falta da correspondência ativa, pode ser acompanhado nas cartas de João Cabral, datadas de Marselha, 20 de fevereiro e 6 de março, bem como naquelas que Alexandre Eulálio escreveu em Lisboa, a 13-14 de abril e 6 de junho. As observações dos atentos leitores deram a Otto Lara, crítico severo do próprio trabalho, a consciência de que o romance não estava ainda pronto para aceitar o convite de Alexandre O’Neill e sair pela Editora Guimarães de Lisboa. O convite, certamente conseguido por Alexandre Eulálio, foi declinado e os originais literalmente interceptados pelo obsessivo escrevinhador que teria recomeçado a trabalhar após esse 6 de junho de 1959, como se compreende a partir da surpresa do amigo:

Nota: você achou realmente minhas observações ao Inspetor realmente demolidoras? O adjetivo não deixou de me chocar, por pensar eu que, ao contrário, se tratava de crítica construtiva, e dá mais construtiva exatamente por não fazer

12. Texto de Antonio Candido na quarta capa da 2a. edição de *O braço direito*.

concessões, e portanto valorizar o elogio que lhe seguia. Gostaria de alguma vez conversar sobre esse ponto de vista com você.¹³

Dessa versão enviada aos dois amigos, Otto Lara Resende conservou, em seu arquivo, unicamente o último capítulo, dado como 152, em um fólio que é a página 270, por ele numerada. Texto curto, de 19 linhas, vem após as 5 últimas linhas do capítulo anterior, na cópia carbono azul de datiloscrito não datado, sem discriminar a cidade onde surgiu, corresponde, com algumas alterações, ao capítulo 154 da primeira versão publicada. O fragmento, que não oferece o título do romance, foi por ele rasurado e assinado com a tinta azul de uma caneta esferográfica, quando se dedicava a reescrever o romance visando à segunda edição, na década de 1970, época em que o uso da caneta esferográfica já se generalizara.¹⁴ Parece ter sido recuperado de um descarte, pois a folha se mostra amassada.

No processo criativo de *O braço direito*, à versão conhecida apenas no fragmento, sucedeu uma versão incompleta, de texto corrido, também sem título, local, assinatura ou data, mas, possivelmente da década de 1960, datiloscrito, cópia carbono preto, 188 fólhos, produzida no Rio de Janeiro, cidade à qual Otto Lara Resende voltara em agosto de 1959. As páginas foram numeradas a lápis preto a partir da primeira, omitidos os números 51, 100 e 149; são de papel sulfite branco, medindo, a maioria, 33,0 x 21,8 cm. O texto recebeu rasuras a máquina, a lápis preto e a tinta azul de caneta esferográfica. Versão incompleta, não deu base ao texto publicado pela Editora do

13. Carta de Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha datada de Lisboa, 6 jun. 1959 (subsérie Correspondência passiva, série Correspondência, no arquivo Otto Lara Resende; IMS).

14. Inventada por um húngaro, a caneta esferográfica foi patenteada pelo francês Marcel Bichi na década de 1950, tendo sido aceita nas escolas da França em 1965. No Brasil, popularizou-se a partir dos anos 1970.

Autor, no Rio de Janeiro, no final do ano de 1963. Entre ela e o texto no livro que lançou em definitivo o título *O braço direito*, houve seguramente uma outra versão, hoje desaparecida. Todavia, o fato desse texto incompleto exibir rasuras a caneta esferográfica, nos faz pensar que o escritor, novamente na década de 1970 (ou na de 1980), tenha se debruçado sobre ele, com vistas à reescritura do romance. Ao datiloscrito ligam-se também as sete notas preparatórias que tinham se prestado às primeiras redações e que nutriram essa refusão da obra e, conseqüentemente todas as demais versões.

Apesar da conhecida relutância de Otto em liberar seu texto, Fernando Sabino e Rubem Braga, amigos diletos, em 1971 voltaram à carga e a editora Sabiá, que haviam recentemente inaugurado, se encarregou, nesse mesmo ano, da reimpressão do romance, usando as mesmas placas tipográficas de 1963. A capa de José Medeiros não se repetiu, contudo, substituída pela proposta de Eugênio Hirsch.

O autor, todavia, não se viu satisfeito, a se julgar pelo depoimento de Luís Edgar de Andrade e pelas rasuras a caneta esferográfica. O romance sempre festejado pela melhor crítica, apesar da relutância do autor em promovê-lo junto ao público, em 22 de fevereiro de 1988, foi objeto do interesse da editora paulistana Círculo do Livro que endereçou a Otto um convite¹⁵, já com o contrato anexo. Para ele, seria a oportunidade de trazer à luz um texto livre dos problemas que lhe atribuía e apto a externar as novas soluções de uma escritura ... em andamento. O trabalho tomou fôlego, mas o ritmo da criação atravessou a data de entrega dos originais fixada pela editora, a qual, em carta de abril daquele mesmo ano, prometera avisar o autor quando faltasse um mês para vencer o último prazo. Nesse documento se vê a nota de margem, com um lapso quanto à editora: *"Escrevi hoje,/ 7.8.90, propondo reedi-/tar o BD de acordo com o texto da edição da 2ª edição da/ Sabiá, de 1963. [...]/ Otto"*.

15. O convite está em carta datada de 22 de fevereiro de 1988. (V. subsérie Correspondência passiva, série Correspondência, no arquivo do escritor no IMS.

Otto Lara Resende entregou-se de corpo e alma ao trabalho que lhe rendeu muitas versões, das quais seu arquivo conserva três. Em 12 junho de 1989, esta nota com sabor de diário, em que analisa o romance e reconhece, com angústia, a força das exigências de seu ofício, nasceu justamente do compromisso com a editora paulista:

O trabalho de reescrever *O braço direito*, agora pela quinta vez, e última, espero, está sendo muito mais penoso e longo do que eu presumia. O texto sobre o qual trabalho está frouxo, aqui e ali pouco ficcional. O encadeamento da ação atola em bifés editoriais, escritos de fora do personagem-narrador e até da própria ação. Personagens que reclamam melhor desenho, mais atenção, não estão alinhados com o livro, sem lhe quebrar a unidade, ou melhor, a homogeneidade. Achar o lugar exato e a medida do empenho da penitente Maria do Rosário exige, às vezes, um esforço gigantesco. O jogo do tempo atual com a reminiscência, presente e passado, é um obstáculo quase intransponível, quando se trata de não quebrar o ritmo da narrativa.

Seria ridículo, ou grotesco, se não fosse dramático o trabalho e o tempo que levei para me livrar, mais do que do livro, da história, do universo do *Braço direito*. Levei, modo de dizer. Porque continuo em plena batalha. Empaquei na parte final da terceira parte e perdi horas lendo e relendo o que escrevi. Me veio a certeza de que a narrativa estava desequilibrada. Afinal, fiz o diagnóstico. Um personagem vinha crescendo demais e ocupava um espaço que não era dele. Trata-se de um padre, mais um padre, este visto na perspectiva infantil. Tinha o nome de monsenhor Emílio. Acordei durante a noite e me ocorreu que o personagem tinha de mudar. Não seria mais padre, mas um tio, desempenhando na infância do Narrador o mesmo papel. Doze horas depois, concluí que seria preciso eliminar tout court o personagem. Reli todo o livro, relacionei as suas aparições e decidi amputá-las. A decisão me trouxe alívio por um lado, porque me tirou do

pessimismo e do desencanto em que tinha caído. Mas me abateu, diante da perspectiva do trabalho que tenho pela frente. Eliminei um capítulo inteiro, acertei três ou quatro passagens e deixei o resto da 'expulsão' do Monsenhor para depois que tiver acabado de bater todo o livro. As passagens a eliminar ficaram anotadas a lápis. Continuei o trabalho, mas toda uma jornada, mais de dez horas, não foi suficiente para concluir a III parte. Há inúmeras emendas de linguagem a fazer. Capítulos cuja ordem deve ser mudada. E a IV parte me parece frouxa. Exige um reaperto geral. Dezenas, centenas de notas, em papéis mínimos dificultam a marcha do texto. Já concluo que não terei o livro pronto no prazo que me impus. E o pior é que tenho um julgamento severo do livro... Já me pergunto se valeu a pena esta tentativa de 'despiorá-lo', como me propus há quase dois anos, quando concordei com a edição do Círculo Livro. Hoje, segunda-feira, 12, foi um dia passado na luta, no atoleiro e no desânimo. Não posso desistir e sei que o sacrifício vai continuar. Se chegar ao fim da IV parte até sábado, será um milagre. Dostoiewsky, aos 20 anos, escrevia ao irmão que, se fracassasse no romance que estava escrevendo, se enforcaria. Aos 67 anos, meu caso é de força e algo mais... No entanto, prossigo. Por uma única razão: porque não consigo não fazer. A idéia de desistir me é inaceitável. Tenho de ir até o fim, mesmo com a certeza prévia de que vou alcançar um resultado pífio. (Santos 2002, 153-154)

Não foi a última vez. Mais cinco versões nasceram, sendo três vinculadas ao Círculo do Livro. A primeira delas se mostra no datiloscrito de 221 fólios, cheio de rasuras a lápis preto, a tinta azul, preta e vermelha de caneta hidrográfica e a tinta azul de esferográfica, consignando muitas etapas na escritura, documento datado no último fólio: "*Petrópolis/ 24.2.1990/ 1/2 noite.*" As outras duas não possuem data, mas, as transformações no texto, afetando inclusive a ordem dos capítulos, e a abundância de rasuras de toda espécie apontam para uma seqüência. Na

capa, a proveniência declinada das versões indica o desejo de cumprir o compromisso; nos fólhos, o pulsar da criação em andamento mostra a impossibilidade do término dentro de um prazo que se estreitava. Em ambas as capas, a datilografia coloca no topo o nome do autor, "*Otto Lara Resende*", no centro, o título "*O BRAÇO DIREITO*" e no final da folha, a editora - "*Círculo do Livro*". São capas limpas de rasuras, como que antegozando a chegada do livro. Contrastam vivamente com os fólhos que recobrem, nos quais dois interesses se chocam: o de cumprir um contrato, garantir a saída do livro, e o de viver, a qualquer preço, o tempo de burilar. Este trecho da carta que Otto mandou a Francisco Iglesias, por volta de março desse 1990, guarda o embate:

Espero concluir o BD até dia 10. Estou hoje na pág. 103 e devem ser 314 ao todo, por aí. Sétima vez que bato à máquina, o que quer dizer (já te contei?) que escrevi cerca de 2.000 laudas. Não sou nenhum paranóico, sei que é o livro que não posso fazer, consegui sair do atoleiro em que mergulhei há 30 anos, desde que publiquei atropeladamente publiquei o BD merdífero. [...]. Mto complicado, dar uma ambigüidade pelo narrador, a visão ingênua e realística, o romance de uma (de)formação religiosa, obrigado a certas limitações da primeira pessoa. Quem escreveu sobre isto foi a Susan Sontag, V. leu? [...] e desta vez não admito nem um erro de datilografia, o que passei está bem passadinho, limpo, original direito, feito numa máquina (outra que não esta) que tem 40 anos comigo. ¹⁶ (Resende 1990)

16. Carta de Otto Lara Resende a Francisco Iglesias, com data e local atestados pela pesquisa no Arquivo do escritor no IMS: [Rio de Janeiro, c. março 1990] (subsérie Correspondência ativa, série Correspondência).

Emaranhado num trabalho que paradoxalmente deseja terminar e se compraz em estender, lembrando-se talvez do quanto lhe tinham valido as observações de Alexandre Eulálio e João Cabral (referidas apenas as que conhecemos), Otto Lara busca, na altura de 1990, um novo leitor, alguém que pudesse também, com plena compreensão do trabalho, transcrevê-lo no microcomputador. Encontra-o em Ana Miranda, escritora então radicada no Rio de Janeiro. Em 1989, Ana havia publicado um romance histórico, versando sobre Gregório de Matos na Bahia do século XVII, texto de grande alento. O título, *Boca do Inferno*, idêntico ao do livro 1957 do contista mineiro, responsabilizou-se pelo nascimento de uma sólida amizade que frutificou em uma parceria no processo da criação, graças à qual a segunda edição de *O braço direito*, pôde chegar ao público, vencendo inclusive a morte do autor.

A análise da materialidade dos manuscritos vinculados ao convite do Círculo do Livro, indica que a versão de *O braço direito*, que chegou às mãos de Ana Miranda em uma cópia xerox e propiciou o dilatar da fronteira autoral, foi a segunda a receber na capa as indicações relativas à editora. Na entrevista à Equipe Otto Lara Resende em 2003, a romancista confirma esse trajeto, ao rememorar os originais datilografados com emendas traçadas levemente com o lápis:

Não sou boa de data, mas acho que foram dois anos antes da morte dele [Otto]; foi um ano de trabalho, então, ele chegou com 9 pastas...¹⁷ Cada pasta correspondia a um capítulo – nove capítulos. Eu, no computador, tinha a meu lado os originais dele; eram datilografados e com aquela letrinha delicada, quase invisível, é... com lápis. Eu ia digitando e quando encontrava assim alguma questão, eu parava e conversava com ele. Por exemplo: às vezes tinha muito ‘o’ na frase; então eu sugeria que ele retirasse. Ele falava: ‘de

17. As pastas a que se refere a romancista não foram encontradas pela pesquisa.

jeito nenhum, isso não pode sair porque isso é coisa de mineiro, mineiro fala assim'. E me dava sempre uma explicação – sabia muito de português e literatura e tudo isso – [...]. Sempre me dava explicações; eu ia aprendendo muita coisa e também ele ia tendo lembranças porque tudo aquilo lhe evocava alguma coisa. [...] Às vezes eu me sentia dentro de uma igreja, eu me transportava para lugares onde ele viveu, que ele conhecia. [...] Quando chegamos à pasta número oito, ele desapareceu; acho que estava ficando meio nervoso. Tinha resistência em terminar o livro. Às vezes eu ligava, pedindo para ele terminar o livro, mas ele não voltava. Ficou doente, morreu, sem terminar o livro. (Miranda 1993)

A segunda versão recolheu-se ao arquivo, ao lado de uma terceira, um passar a limpo que incorporou as modificações, mas não se viu livre de novas, embora poucas no lápis de Otto.

Então, em 1990, enquanto Otto Lara Resende se enredava na reescritura, a questão contratual resolveu-se consoante sua proposta de 7 de agosto: o Círculo do Livro tirou, em 1991, uma repetição do texto publicado em 1963 e 1971, corrigida apenas uma incongruência. Nesse texto, à p. 10, ao invés de aparecer o nome Pe. Bernardino, que percorre todo o romance, sobrevive o apelativo Pe. Moreira, da versão de 1958 enviada aos amigos, segundo se depreende deste trecho da análise de Alexandre Eulálio, em carta de 15-14 de abril daquele ano:

De jeito nenhum me convenceu, mesmo dentro de um possível critério de coerência da personagem com as suas anotações – nada parvo, aliás, como demonstra a 1ª parte – não só a prisão de último-ato-de-teatro-pobre-da-província, como aqueles incríveis bonecos desengonçados e desengraçados se movem ali: o jorgeamádico João Guilherme, o gargalhante Alcides, a rebolosa Adelaide, meu filho, compare-os com os figurantes da 1ª parte, a Marieta do Riachão, o Padre Moreira, o Provedor, Orestes (sabe ele!), o Benfeitor e toda a fauna viva da cidade. (grifamos).

No percurso da criação de *O braço direito*, desponta em seguida, sobre a versão fac-similar em xerox da terceira versão citada, isto é, no datiloscrito dominado pelas rasuras traçadas por Otto e Ana, a primeira versão em co-autoria. Trabalhando quase todas as noites durante mais de um ano, na órbita daqueles “*originais tão belos, de linhas datilografadas, e anotações feitas com a letra delicada, a lápis, quase invisíveis*”, os dois romancistas viveram “*uma troca intensa de experiências literárias*”, o conforme o depoimento de Ana à revista carioca *Caros Amigos*, em setembro de 2001. A força da invenção vinca essa escritura em dueto, na qual Ana Miranda não se limitou a corrigir deslizes. Justapõe duas letras e, mesmo à revelia, como que liberta Otto Lara da dificuldade de conservar em seu arquivo um texto convulsionado, bem diverso dos manuscritos anteriores, cujas emendas são visualmente bem comportadas. Sobrepõe muitas etapas à limpa datilografia anterior, apenas visitada por tímidas rasuras apostas à terceira versão, aquela que não aportou no Círculo do Livro. Agora, o documento se reveste de grande plasticidade no contraste dos rabiscos fortes com as finas emendas, na mistura das cores das tintas, assim como no movimento que brota dos acréscimos e substituições nas margens, nas entrelinhas, dos fios nos deslocamentos, nas linhas, nas páginas.

Muitas e importantes questões ocupavam os dois romancistas no correr da escritura do texto que, de fato, é um novo romance, pelo que se conclui desta declaração de Ana Miranda no prefácio à edição, de 1993:

Durante alguns meses discutimos questões de ecdótica referentes ao livro; uma vez decididas, as palavras eram passadas para o computador onde o texto final ia sendo depositado. Antes de terminarmos esse trabalho com o último capítulo ainda por ser revisto, Otto Lara Resende foi ao encontro de um dos enigmas que mais o desafiavam: a Morte. (MIRANDA, 1993, p.7)

Surgia, pois, um último texto, amálgama de duas construções. Na margem da folha 122 da versão sobre a qual trabalhou, acompanhada e depois sozinha, a escritora escreveu esta explicação: “Xerox dos/ originais que/ serviram para completar/ o livro de Otto/ Braço direito/ Ana Miranda,/ abril, maio 93”. E, morto Otto Lara Resende, perante uma proposta de publicação feita pela Companhia das Letras, de São Paulo, tornava-se tarefa sua, legado, terminar o romance. E trazer, para a história de nossa literatura, este bonito feito: Ana Miranda escritora proporcionou a seu amigo Otto Lara Resende a concretização de um projeto que a ele parecera irrealizável.¹⁸

No arquivo, a versão redigida no computador, a última, já não guarda, portanto, marcas do escritor falecido em dezembro de 1992. É uma cópia xerox da versão entregue à Companhia das Letras para a edição póstuma, à qual Ana Miranda apôs algumas rasuras. Essa versão fora por ela completada na quarta parte.

Ao lado de todos os documentos de processo de *O braço direito*, acima apresentados, no fundo Otto Lara Resende existe ainda um exemplar rasurado do livro na tiragem da Editora do Autor, 1963. Apesar da insignificância das duas emendas com a tinta azul de uma esferográfica, efetuadas talvez na década de 1970, esse exemplar ganha *status* de manuscrito, na medida em que modifica a versão impressa. As emendas são duas correções gramaticais, riscando erros na regência verbal, à página 226 - “que implica num julgamento contra mim”- e à 227 - “o membro gangrenado apodrecia todo o corpo ameaçava ~~de~~ arrastar”. O fato de estarem no meio do volume faz supor um gesto fortuito, vindo do folhar do livro, ou a verificação de

18. O que chamamos, na esfera da crítica genética, de co-autoria, é o que Ítalo Morriconi considera, com muita propriedade, uma escritura a quatro mãos em seu artigo “O medo de assumir a voz autoral: Otto Lara Resende teve de vencer a árdua luta interna para escrever seu romance”. (V. série Matéria extraída de publicações – Arquivo Otto Lara Resende).

erros apontados por algum leitor. São, todavia, rasuras que desautorizam qualquer hipótese de se tratar de um exemplar de trabalho portando o início de uma refusão para ser publicada. O exemplar rasurado, cujas modificações não foram incorporadas à segunda edição, vale como uma versão paralela, irrelevante no processo criativo, à margem dos demais manuscritos posteriores à primeira edição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo* 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BRASIL, Assis. "O braço direito ou OLR (2)". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 dez. 1963.
- CANDIDO, Antonio. Texto na quarta capa da 2. edição de *O braço direito*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CONY, Carlos Heitor conclui em "Da arte de falar mal, Livros II. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro: 21 dez. 1963.
- EDIFÍCIO. Belo Horizonte: ano 1, nº 1. jan. 1946, pp. 3-4.
- LINHARES, Temístocles. "Dois romances". 1964.
- LOPEZ, Telê Ancona. "A biblioteca de Mário de Andrade, seara e celeiro da criação". Em: ZULAR, Roberto, org. *Criação em processo*. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 2002, p. 45-72.
- MIRANDA, José Luiz. *Infernos da iniciação: uma aproximação dos contos de Michel Tournier e de Otto Lara Resende*. Dissertação de mestrado. FFLCH-USP, 2000.
- MORRICONI, Italo. O medo de assumir a voz autoral: Otto Lara Resende teve de vencer a árdua luta interna para escrever seu romance. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 de set. 1993.
- RESENDE, Otto Lara. *O braço direito*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1963.
- _____. *O braço direito*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. "Otto Lara Resende quinze respostas". *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 12-13 de setembro 1959.
- RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- SANTOS, Tatiana Longo dos. *Três Ottos por Otto Lara Resende*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.
- SENNA, Homero. "Folclore de *O braço direito*". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1964.

STEEN, Edla van. *Viver & escrever*. v. 2. Porto Alegre/ Brasília: L&PM/ Instituto Nacional do livro, 1982.

ZULAR, Roberto, org. *Criação em processo*. Trad. de Veronica Galindez. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 2002, p. 203-217.

VÍDEO

Observatório da imprensa. Programa em homenagem a Otto Lara Resende, 29 de abril de 2003.